

Faces do humano em Guernica: violência e arte

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis^[1]

RESUMO: A autora aborda o tema das faces contrastantes do ser humano: a violência e a criatividade, inspirando-se na obra de arte de Picasso, *Guernica*. Nessa obra estão presentes duas faces do ser humano que se pretende discutir no artigo: a ação violenta dos nazistas no bombardeio à cidade de Guernica e a criatividade de Picasso ao produzir uma obra que é a um só tempo um manifesto contra a guerra e um alerta à presença da destrutividade no ser humano. São expostas resumidamente as ideias de Freud, Klein e Green sobre as pulsões de vida e morte, destacando como essas forças comparecem nas relações sociais. Em seguida, apoiada em algumas ideias de Bion sobre o funcionamento mental, a autora considera que a destrutividade está relacionada a processos mentais que impedem os movimentos próprios do sonhar/pensar/criar, favorecendo sistemas de certezas inquestionáveis que desembocam em fanatismos e desconsideração pela singularidade do outro. Ao final, acrescentam-se algumas reflexões sobre características do mundo contemporâneo que podem prejudicar o desenvolvimento dos processos criativos e, assim, favorecer a atuação da destrutividade, em suas mais diversas formas.

PALAVRAS-CHAVE: violência, criatividade, contemporaneidade

1. Psicóloga e psicanalista. Doutora em psicologia escolar. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Como se sabe, a obra *Guernica* foi produzida por Pablo Picasso em 1937,^[2] após o bombardeio à cidade basca de mesmo nome, um vilarejo de cerca de 6 mil habitantes. O bombardeio foi desferido pelos nazistas alemães, aliados ao general Franco, durante a Guerra Civil Espanhola. O general permitiu que os nazistas testassem armas na região porque a cidade abrigou algumas tropas inimigas do ditador espanhol.

Esse fato histórico e essa obra contêm elementos significativos para as ideias que pretendo desenvolver no presente artigo, que se inserem no tema proposto pela equipe editorial da *Berggasse 19*, “Humanidades possíveis”, como ressonância da VI Bienal de Psicanálise e Cultura promovida pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) em maio de 2023, com o mesmo tema.

Trata-se de uma obra de arte produzida a partir de um evento de extrema *violência* do ser humano: um ditador que compactua com o massacre de pessoas (não importa que sejam civis ou militares, compatriotas ou não) para “testar” armas. Assim fazendo, reduz o ser humano a objeto inanimado, prestando-se a violências das mais diferentes ordens. Nesse processo de desqualificação e “coisificação”, o ser humano é *usado* por interesses políticos, narcísicos e econômicos, de dominação ou opressão.

Por vezes tais ações são adjetivadas como *des-humanas*. Não são! Prefiro dizer: eis o humano em sua face cruel! Ações desse tipo fazem parte da dimensão humana de crueldade e violência, que se apresenta ao longo da história das mais diferentes formas. Apenas para citar algumas: cristãos atirados às feras no Coliseu para “diversão” da plateia; decapitações e enforcamentos públicos; campos de concentração; estupro; pedofilia; violência doméstica; abuso sexual; ataques a crianças em escolas... Acrescente-se a tudo isso a violência da escravidão, do racismo, dos preconceitos que discriminam, marginalizam e excluem. Vê-se que não é preciso esforço para nomear violência humana, passada ou recente. Diante dessa realidade, não se pode dizer que a violência está “aumentando”. Ela sempre existiu. Em cada momento histórico e em cada cultura em particular, a face violenta do ser humano se apresenta, por vezes explicitamente, por vezes disfarçadamente. No ataque à cidade de Guernica, a violência foi explícita, sem disfarces.

Já a *Guernica* de Picasso apresenta outra face do humano: a criatividade em uma de suas mais expoentes expressões, a arte. Está ali evidenciada a condição simbólica humana, usada de modo genial como manifesto contra a violência. Estão ali representados, ou, melhor, re-apresentados, o sofrimento, o terror, a dor, o desespero, a estupefação e a indignação dos habitantes do vilarejo de Guernica vividos durante e após o bombardeio. A genialidade do artista cria uma pintura em múltiplas faces, que expressam múltiplas dores. Figuras retorcidas, com bocas abertas em gritos de horror. Animais, homens, mulheres, crianças... ninguém poupado! Nota-se, ao lado esquerdo da tela, a mãe com um filho morto nos braços. A cabeça em posição de agonia, disforme, o olhar voltado para o terror que veio do céu: apresentação de uma dor extrema, condensando na figura de uma criança morta a dor associada à

2. Imagem disponível em <https://bit.ly/picasso-guernica>

destruição da vida em sua nascente. Há fragmentação no quadro todo, como se a bomba estivesse ali, permanentemente, estilhaçando pessoas, animais, casas... A obra toda pode ser vista como um ato eterno de denúncia contra a guerra e de advertência à capacidade destrutiva do ser humano.

Assim vista, *Guernica* nos coloca diante do que há de mais cruel e do que há de mais sublime na condição humana. Além disso, nos lembra de que a aproximação ao que é o ser humano requer considerarmos a multiplicidade de faces de que é constituído, bem como a complexidade com que essas faces se entrelaçam. A psicanálise – enquanto ciência, cultura e profissão – é voz relevante na discussão desse tema.

Por que a guerra?

Interessante notar que o vilarejo de Guernica foi bombardeado em 1937, mesmo ano em que Picasso produziu a obra, e cinco anos antes, em 1932, Einstein e Freud trocaram uma importante correspondência, publicada em 1933, sob o título “Por que a guerra?” (Einstein & Freud, 1933/1976). Essa correspondência foi uma proposta feita pela Liga das Nações, por intermédio de seu Instituto Internacional para Cooperação Intelectual. O instituto promovia trocas entre intelectuais expoentes em suas áreas de conhecimento e publicava essas cartas periodicamente. Convidaram Einstein a escolher um intelectual com quem gostaria de se corresponder, ao que escolheu Freud e o questionou sobre o porquê da guerra. Homens geniais costumam fazer perguntas essenciais, que reverberam ao longo de séculos sem serem respondidas completamente, gerando novas e inquietantes questões.

Penso que a obra de Picasso e a correspondência entre Freud e Einstein, que tiveram lugar em tempos tão próximos, não podem ser consideradas “meras coincidências”. Ao contrário, fazem parte de um momento sombrio da história da humanidade, em que os horrores da Primeira Guerra Mundial ainda ecoavam no coração humano e em que já se ouviam os passos fortes e assustadores da segunda grande guerra, que se avizinhava. Freud e Einstein – pensadores geniais – indagavam-se sobre a violência humana. Picasso – gênio das artes plásticas – pintava na tela a violência humana. Não se trata de “mera coincidência”, mas sim *evidência* da condição humana de transformar em pensamento, ciência e arte o inquietante que habita o humano.

Os gênios e místicos, segundo Bion (1977/1981), são aqueles que conseguem atravessar cesuras; são pessoas articuladas que conseguem “ouvir o inarticulado”.

Rimbaud foi uma das primeiras pessoas articuladas que ouviram o inarticulado; Baudelaire, Shakespeare e Homero formularam os estados de mente que ainda não existiam em sua época – os nossos. Tais pessoas descobrem algum método através do qual aquilo que elas têm a dizer ficam disponíveis para as pessoas a quem elas desejam dizer. (Bion, 1977/1981, p. 126)

Considerando que o objetivo central do presente artigo é abordar a multiplicidade e a complexidade do humano, focalizando a dupla face da violência e da arte, vale “ouvir” o que esses gênios articulados dizem sobre a guerra, que expõe de modo impiedoso a face violenta do ser humano.

No início da carta a Freud, Einstein levanta a questão:

Este é o problema: existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra? É do conhecimento geral que, com o progresso da ciência de nossos dias, esse tema adquiriu significação de assunto de vida ou morte para a civilização, tal como a conhecemos; não obstante, apesar de todo o empenho demonstrado, todas as tentativas de solucioná-lo terminaram em lamentável fracasso. (Einstein & Freud, 1933/1976, p. 241)

Mais adiante na carta, Einstein questiona sobre a “facilidade” com que pessoas aderem a movimentos de guerra. Ele próprio levanta a hipótese de que o “homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição”, e que é relativamente fácil elevar esse ódio “à potência de psicose coletiva” (p. 243). E continua a carta, perguntando a Freud: “É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?” (p. 243). Einstein termina a carta de modo esperançoso, desejando que Freud tenha alguma resposta útil para a paz mundial. Em suas palavras:

Mas seria da maior utilidade para nós todos que o senhor apresentasse o problema da paz mundial sob o enfoque das suas mais recentes descobertas, pois uma tal apresentação bem poderia demarcar o caminho para novos e frutíferos métodos de ação. (p. 244)

Em sua resposta, Freud passa por reflexões sobre leis, violência, direito, poder; aspectos primitivos relacionados a dominar e subjugar na formação de grupos humanos; e evolui o pensamento para a concordância com Einstein de que existe no ser humano um “instinto de ódio e destruição”, acrescentando, no entanto, que esse instinto se conjuga com o instinto de “união, de ligação, de preservação”. De modo genial, Freud alerta para o fato de que não se pode apressadamente introduzir valores de bem e mal associados a esses instintos. Tal como se fala de forças de atração e repulsão na física sem qualquer juízo de valor, também nas questões de funcionamento mental não se deve valorar as forças de vida e de morte, senão compreender suas relações complexas, para que se possa melhor lidar com elas.

Nas palavras de Freud:

Nenhum desses dois instintos é menos essencial do que o outro; os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambos. Ora, é como se um instinto de um tipo dificilmente pudesse operar isolado; está sempre acompanhado – ou, como dizemos, amalgamado – por determinada quantidade do outro lado, que modifica seu objetivo, ou, em determinados casos, possibilita a consecução desse objetivo. Assim,

por exemplo, o instinto de autopreservação certamente é de natureza erótica; não obstante, deve ter à sua disposição a agressividade, para atingir seu propósito. (p. 252)

Vê-se então a ideia de uma *confluência* de forças de vida e de morte, sem qualquer suposição de que seja possível eliminar as forças de morte para se obter a paz. Na parte final da carta, Freud conjectura que seja possível mitigar de forma indireta a ação das forças destrutivas que operam na mente humana, de modo a atuar contra a guerra. Ele fala em amor e identificação (comunhão de sentimentos), que podem ser reunidos no conceito de forças de ligação, personalizado em Eros. “Se o desejo de aderir à guerra é um efeito do instinto destrutivo, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe seu antagonista, Eros. Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra” (p. 255). Aparece aqui a ideia de que ações que favoreçam a ligação entre os homens possam promover algum tipo de atenuação das forças destrutivas.

A palavra de outros autores psicanalíticos sobre a violência humana

Outros grandes autores em psicanálise mantiveram e desenvolveram em sua própria linguagem essa ideia de uma confluência entre movimentos criativos e destrutivos no funcionamento mental.

André Green (1990), seguindo as ideias freudianas de pulsão de vida e pulsão de morte, propõe os conceitos de “função objetalizante” e “função desobjetalizante”, que contribuem para a compreensão da atuação da dualidade das pulsões nas relações interpessoais. A função objetalizante é associada à pulsão de vida, considerada de modo amplo como processos de ligação. Tal função diz respeito a um *investimento significativo* que, dentro das relações interpessoais, se traduz por atribuição de significado ao outro, atentando a suas qualificações humanas. Em contraposição, a função desobjetalizante é associada à pulsão de morte, considerada de modo amplo como processos de desligamento ou desinvestimento. Tal função implica desqualificação do outro em sua singularidade e atribuições humanas, em um processo perverso de “coisificação” do outro.

O que significa função desobjetalizante? Significa que a pulsão de morte entra em ação cada vez que o sujeito realiza, diante do objeto, uma desqualificação de sua própria singularidade e de seus próprios atributos: seja quando o objeto se torna anônimo, como o objeto da perversão, por exemplo; ou quando o objeto é despojado de suas características de ser que sente e pensa, como no caso da tortura; ou então o objeto é desprovido de sua identidade humana, e são mil maneiras pelas quais se exercem as formas de segregação social e até mesmo psiquiátrica, como vocês sabem... (Green, 1990, p. 76)

Observa-se nessa citação a ideia de desqualificação do outro como manifestação da pulsão de morte, o que colabora para a compreensão de que no humano habitam forças poderosas de des-humanização, não no sentido de não ser humano,

mas, ao contrário, de que é humano des-humanizar, des-investir, des-qualificar, des-merecer, des-considerar cruelmente o outro, tratando-o como coisa. Isso se desdobra em atos de perversidade, de crueldade, de maldade que caracterizam os conflitos humanos, desde os mais íntimos que acontecem no campo bipessoal e familiar, até conflitos maiores entre grupos humanos, como na guerra entre nações.

Em Melanie Klein (1946/2004), encontram-se os conceitos de objetos bons e objetos persecutórios, inveja, gratidão, ansiedade paranoide, ansiedade depressiva, todos conceitos fundamentais para a compreensão do que é o humano em sua dupla face de vida e morte. Também aqui a ideia é de que o humano se constitui de forças de ligação e de forças destrutivas que operam na mente durante toda a vida.

A destrutividade caracteriza-se, segundo Klein (1946/2004), por um estado mental em que predominam elementos de persecutoriedade, de fragmentação, de ataque e defesa, de desconfiança, que promovem idealizações extremas que tendem ao fanatismo. Todos esses são elementos que compõem um campo de guerra, contra o outro e contra si mesmo. Ora, quando esses elementos se apresentam no nível social, configuram-se situações de guerra declarada, entre grupos de indivíduos, entre religiões, entre culturas, entre nações.

Em contraste à destrutividade, Melanie Klein (1946/2004) descreve outro estado mental, que se caracteriza por elementos de integração, de ligação, de tolerância à frustração, às limitações e às diversidades, inerentes à realidade. Esse estado mental promove sentimentos de amor, de gratidão, de compaixão, de generosidade e solidariedade nas relações interpessoais. Quando esse estado se apresenta nas relações sociais, configuram-se situações de hospitalidade, de receptividade ao estrangeiro e à diversidade, propiciando convivência pacífica entre povos, nações, culturas e religiões.

Bion (1970/2006) introduz uma mudança de paradigma na teoria psicanalítica que afeta de modo significativo a visão do funcionamento mental. O objeto psicanalítico é pensado sob o vértice da teoria da complexidade, que aponta na direção da não linearidade, do não determinismo, da multidimensionalidade, do modelo espectral (Chuster et al., 2011). Dentro dessa perspectiva, privilegiam-se as relações (♀♂) mais do que os elementos que se relacionam. Já em *Estudos psicanalíticos revisados*, Bion (1967/1988) adverte para o risco de considerar a mente dentro de uma visão anatômica, de estruturas estáticas, e propõe que seja considerada em sua fisiologia, ou seja, privilegiando funções e relações.

A concepção do objeto parcial como algo análogo a uma estrutura anatômica, encorajada pelo emprego que o paciente faz de imagens concretas como unidades de pensamento, é enganadora, porque a relação de objeto parcial não é só com estruturas anatômicas, mas com *funções, não com anatomia, mas com fisiologia, não com o seio, mas com o aleitamento* [destaque meu], envenenamento, amor, ódio. Isto contribui para a impressão de um desastre dinâmico, e não estático. (Bion, 1967/1988, p. 94)

Em toda sua obra, Bion dá ênfase às oscilações ($\♂\♀$; $PS \leftrightarrow D$), privilegiando o trânsito entre estados mentais, focalizando as relações que se constituem e se rompem, a depender dos mais diferentes meios em que elas se realizam. Assim, a ideia do que é dá lugar à ideia do *ir sendo*, em uma visão de que a mente está permanentemente em processo de constituir-se e dissolver-se, nascendo e se transformando a cada instante.

Apontando as diferenças entre as teorias de Freud e Klein com as teorias de Bion, Grotstein (2010) escreve:

A concepção de Freud da relação entre Sistemas *Ucs.* e *Cs.* era linear e conflitual e, portanto, unidimensional. Bion, ao aplicar uma perspectiva binocular, permitiu que a relação entre eles fosse não necessariamente de *conflito*, mas de *oposição* binária (cooperativa) – ou seja, Sistema *Ucs.* \leftrightarrow Sistema *Cs.* ... O mesmo se aplica à relação entre as posições esquizoparanóide e depressiva. Klein as concebia como conflituais, lineares e hierárquicas (privilegiando a última). Bion as concebia como operando simultaneamente e funcionando em uma oposição binária cooperativa ($PS \leftrightarrow D$). Finalmente Bion reconfigurou o inconsciente como *infinitude* em oposição à *finitude* da consciência. (p. 59)

Observam-se nessa citação algumas das mudanças significativas feitas por Bion na visão do funcionamento mental, especialmente em direção à não linearidade e à multidimensionalidade. Em decorrência, as ideias a respeito das dimensões humanas de vida e morte também sofrem alterações. Dentro da perspectiva de Bion, uma vez que as relações, os movimentos e o trânsito são ressaltados, pode-se pensar que a estagnação, em um sentido amplo, se constitua como a face maligna do funcionamento mental. Tudo o que fixa, que impede movimentos, que bloqueia a convivência com a dúvida, com o desconhecido e com a incerteza é aliado da dimensão mortífera. Se isso for colocado no campo do pensar, tem-se que as certezas, na medida em que impedem o movimento salutar da dúvida, se apresentam como ameaças à subjetivação, abrindo campo propício aos movimentos sociais de adesão incontestável a ideias. Assim, as certezas (estagnação) aparecem no fanatismo, em que um líder ou uma ideia são seguidos sem questionamento; aparecem no pensamento dogmático, em que não se pode duvidar, não se pode fazer perguntas; aparecem no pensamento mágico/onipotente, em que se constitui a realidade de modo alucinatório, ao sabor dos desejos. As ideias nazifascistas que produziram o ataque à cidade de Guernica são dessa ordem: incluem esses elementos de fanatismo, pensamento dogmático e pensamento onipotente. É um modo de funcionamento mental que pode ser considerado mortífero tanto pela estagnação que provoca no nível do pensar, como pelas ações mortíferas que produz na sociedade.

Chuster et al. (2011) chama atenção para o fato de que um sistema de crenças pode “esmagar” a capacidade criativa:

Se estas [as crenças] adquirem raízes mais narcísicas torna-se difícil e até impossível passar para o nível do pensar que é de onde se pode evoluir para aprender da experiência e daí para a criação de algo novo ou singular. Por exemplo, numa sociedade fundamentalista, presa às crenças narcísicas mais acirradas, muito pouco ou nada se consegue criar. Nas áreas artísticas a criatividade simplesmente não existe. As crenças esmagam a capacidade para pensar, pois são concepções que perderam o valor de pré-concepção que permitiria gerar novas concepções. Sem pensar não se chega ao nível da criatividade. (p. 127)

Em outro texto, discorrendo sobre a maldade, Chuster (2010) diz que “o discurso da maldade sempre tenta reduzir o sujeito a um sujeito formal, desprovido de substância e definido unicamente, no universo administrativo e jurídico, por um conjunto de técnicas processuais cuja *humanidade está ausente*” (p. 68). Vê-se como essa ideia de redução do sujeito a um sujeito formal combina com as ideias de Green (1990) citadas anteriormente sobre a função desobjetalizante, que coisifica o sujeito, destituindo-o de suas qualidades. Ora, tais ideias fazem parte de uma visão de ser humano que considera que a formalização, ou a estagnação, ou a fixidez, ataca a singularidade e os movimentos do sujeito do *ir sendo*.

Pode-se pensar a partir dessas ideias sobre a relevância, para o desenvolvimento humano, de ações que privilegiem os processos de inquietar/duvidar/criar e, em contraste, o quanto são ameaçadoras para o desenvolvimento do ser humano e das relações humanas ações que se contraponham a isso, gerando fanatismos, pré-conceitos, posições extremistas, falsificações, distorções.

Ameaças contemporâneas à criatividade

Como disse anteriormente, em *Guernica* se veem as possibilidades do humano: sua face mais violenta, na ação do grupo nazifascista que bombardeou o vilarejo, e a face mais criativa do humano, na obra excepcional produzida por Picasso.

Independentemente da nomeação que se faça do mal em cada teoria – a pulsão de morte (Freud), o objeto persecutório (Klein), a função desobjetalizante (Green), a estagnação do processo de pensar (Bion) –, os riscos que vemos atualmente é que a face humana da violência prevaleça sobre a face criativa, uma vez que a realidade contemporânea está exacerbando processos de não-pensamento, em que a ação se superpõe à reflexão, e a reprodução toma o lugar da criação.

Chuster e Trachtenberg (2009), no livro *As sete invejas capitais*, advertem para essa situação, falando dos riscos das falsas premissas que proliferam no mundo contemporâneo:

Um vínculo dominado por inveja produz falsas premissas – ou torna-se vulnerável a aceitá-las facilmente – que se reproduzem como clones por intermédio de lógicas, sobretudo as que encontramos nas *mentiras*, nas *drogas*, nas *dissimulações políticas*, nas *convicções fundamentalistas*. O resultado dessa reprodução (ou clonagem) é um progressivo definhamento das relações humanas, despiando-as de intimidade e de

emotividade, criando um esmorecimento para se relacionar e para conservar vivas as relações. (p. 20)

A sociedade contemporânea está impregnada de ameaças à condição humana de atribuição de sentido e de criação simbólica: imediatismo, aceleração do ritmo de vida, superficialidade, consumismo exacerbado, descartabilidade; a ação se superpõe à reflexão, e a exterioridade prevalece sobre a interioridade. Assistimos hoje a uma espécie de deterioração das relações interpessoais, que tomam a forma de relações de consumo em lugar de relações de construção de sentido. O sujeito, enquanto construtor de si mesmo, sofre um processo de esmagamento. A adição desmedida a medicamentos é exemplo disso. Nessa situação há uma espécie de *desenraizamento* do indivíduo na resolução de seus conflitos (Matos, 1997). Cria-se a ilusão de que os problemas podem ser resolvidos sem a participação direta do sujeito, sem o tecer laborioso de pensamentos que o enfrentamento dos conflitos exige. A busca é pela medicação “salvadora” que inclua as máximas contemporâneas de rapidez e eficácia. O sujeito tona-se, assim, consumidor de soluções, e não produtor de sentido.

No mundo contemporâneo vive-se em um ritmo acelerado, como se fôssemos protagonistas de um filme de ação, em que os acontecimentos se sucedem de modo estonteante, produzindo um estado de alerta permanente e de um agir imediatista. O olhar está voltado para o externo, em um clima persecutório, gerador de medo e ansiedade.

O ritmo acelerado da sociedade contemporânea prejudica a constituição da interioridade, da intimidade nas relações interpessoais, que requerem tempo: tempo de estar com o outro, consigo mesmo, com as paisagens... Um tempo de contemplação, de olhar demorado, onde e quando se faz contato com o transcendente em nós e no outro.

Olhar para dentro de uma outra pessoa parece requerer que se penetre nos seus olhos, considerando seu lugar no panorama total da pessoa. Este panorama inclui não apenas a arquitetura da vestimenta, mas também a geologia do corpo sob as vestimentas, a estrutura e o movimento. Sobre este panorama geográfico impõe-se a música do ser que fala, a canção e a dança, muito à mostra, e muito que murmura à distância também. (Meltzer & Williams, 1995, p. 60)

Em um artigo intitulado “Escassez de sonhos em uma sociedade de excessos” (Assis, 2017), escrevi:

Os caminhos de gestação e concepção da mente humana lembram tessituras artesanais, que se fazem ao longo do tempo, em processos contínuos, por vezes lentos e delicados. Tais caminhos são do campo da representação, de estabelecimento de ligações, da construção de símbolos e da atribuição de significados. Trata-se de reunir o que está disperso e integrar o que está fragmentado. Ora, elaboração mental de experiências emocionais exige espera, tolerância à falta, convívio com a incerteza, contato com dor

mental: um processo que não acontece em um toque, como dita o ritmo acelerado do mundo contemporâneo. (p. 71)

E mais adiante, na mesma página:

De fato, em algumas versões das chamadas “redes sociais”, as imagens prevalecem sobre a narrativa e convidam a ver, mais do que a refletir. Assiste-se a uma espécie de consumo de fotos e vídeos, que se sucedem diante dos olhos, em forma de discursos prontos e acabados, sem qualquer insaturação que convide à construção de sentido. A criança que está constantemente estimulada por imagens em um tablet reduz oportunidades de desenvolver imaginação. O excesso encontra-se nestes lugares: o elemento saturado promove amontoados, justaposições sem encaixes, que “incham” a mente e podem provocar os transbordamentos prejudiciais à tessitura das representações. Para contrastar e esclarecer penso na arte contemporânea – provocativa – que incita indagação e movimenta o pensar. Ao criar inquietude, a arte abre o campo para a busca de novos sentidos e vínculos inusitados entre elementos diversos. Tais são os processos de elaboração, de construção de sonhos. (p. 71)

É essa condição de criar/sonhar, uma das faces do humano (que vemos em Picasso de modo genial e excepcional), que a psicanálise toma como um dos pilares de sua teoria e técnica. Nos institutos de psicanálise formam-se profissionais da área de saúde mental – os psicanalistas – em condições de promoverem desenvolvimento dessa dimensão do humano, em si mesmos e nos analisandos, transformando, assim, a psicanálise em uma área do conhecimento que cuida (como guardiã) da preservação da alma humana. Para isso, lida com as dimensões violentas do humano, com as dimensões de terror, para oferecer a elas abrigo nas representações.

Lembro-me de um texto de Nosek, em um catálogo da exposição *Dor, forma, beleza*, de 2005, na Pinacoteca de São Paulo.

O senso comum reservou para a psicanálise o lugar de intérprete de significados. A frase “Freud explica” tornou-se um bordão consagrado. Um fato reportaria sempre a outro, que o explica. Desde o início, o que vemos é que a obra de Freud olha para a transformação de um processo em produto cultural, a partir de uma estimulação que venha do corpo ou do mundo. Como a energia que se choca com nossos sentidos, se transforma em representação, sonho e pensamento. Mais do que reveladora de significados ocultos e intérprete de biografias, a psicanálise se debruça sobre as origens do processo de criação do espírito, sobre a passagem da natureza para a cultura. (p. 13)

Nota-se, assim, que a psicanálise caminhou de uma técnica decodificadora de significados para a de construtora de significados; de interpretação de sonhos para o sonhar; de análise do brinquedo para o brincar; de análise do conteúdo para a ampliação do continente. Assim sendo, promove conhecimento sobre o desenvolvimento de processos do pensar/representar/sonhar e atua diretamente no desenvolvimento desses processos em cada analisando, também provendo a sociedade de fundamentos

teóricos para a implementação de ações sociais que possam favorecer a expansão da dimensão criativa do humano. Dessa forma, é voz importante na valorização das artes em geral, como prevenção de proliferação de certezas, extremismos e fanatismos. É também voz fundamental para denunciar os riscos que a sociedade contemporânea enfrenta para salvaguardar e expandir a face criativa do humano.

Aspectos de lo humano en el Guernica: violencia y arte

Resumen: La autora aborda el tema de los aspectos contrastantes del ser humano: la violencia y la creatividad, inspirada en el *Guernica*, de Pablo Picasso. En esta obra de arte están presentes las dos caras del ser humano que se pretenden discutir en el presente artículo, o sea, la acción violenta de los nazistas en el bombardeo a la ciudad de Guernica, y la creatividad de Picasso al producir una obra que es, al mismo tiempo, un manifiesto contra la guerra y un alerta ante el poder destructivo del ser humano. Se exponen, de forma sintética, ideas de Freud, Klein y Green al respecto de las pulsiones de vida y de muerte, destacándose la idea de cómo estas fuerzas se hacen presentes en las relaciones sociales. Luego, y apoyada en algunas ideas de Bion sobre el funcionamiento mental, la autora defiende que la destructividad está relacionada a procesos mentales que impiden los movimientos propios del soñar, pensar y crear, favoreciendo sistemas de certezas incuestionables que desembocan en los fanatismos y desconsideran la singularidad del semejante, del otro. Por último, se añaden algunas reflexiones al respecto de las características del mundo contemporáneo que pueden perjudicar el desarrollo de los procesos creadores y de este modo, incentivan la actuación de la destructividad en sus más variadas formas.

Palabras clave: violencia, creatividad, contemporaneidad

Human aspects in Guernica: violence and art

Abstract: The author delves into the theme of the contrasting aspects of human nature: violence and creativity, drawing inspiration from Picasso's artwork, *Guernica*. This work encapsulates two facets of human existence that the article aims to discuss: the violent action of the Nazis in bombing the city of Guernica, and Picasso's creativity in producing a piece that serves as both an anti-war manifesto and a warning about the presence of destructiveness in humanity. The ideas of Freud, Klein, and Green concerning the life and death instincts are succinctly presented, emphasizing how these forces manifest in social relationships. Building upon Bion's insights into mental functioning, the author contends that destructiveness is linked to mental processes that inhibit the inherent movements of dreaming/thinking/creating, promoting systems of unquestionable certainties that lead to fanaticism and disregard for the uniqueness of others. Lastly, the

article includes reflections on contemporary world characteristics that could hinder the development of creative processes and thus facilitate the expression of destructiveness in its various forms.

Keywords: violence, creativity, contemporaneity

Referências

- Assis, M. B. A. C. (2017). Escassez de sonhos em uma sociedade de excessos. *Ide*, 40(64), 67-75. <https://bit.ly/3QgZTB6>
- Bion, W. R. (1981). Cesura (M. T. M. Godoy, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1988). *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (W. M. M. Dantas, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Chuster, A. (2010). A maldade. *Berggasse 19*, 1(1), 62-83.
- Chuster, A., & Trachtenberg, R. (2009). *As sete invejas capitais: uma leitura psicanalítica contemporânea sobre a complexidade do mal*. Artmed.
- Chuster, A., Conte, J. C., Walz, J., Walz, M. B., Beck, S. M., Castro, J., Antunes, C., Kloeckner, A., & Fracasso, C. K. (2011). *O objeto psicanalítico: fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise*. Publicação independente.
- Einstein, A., & Freud, S. (1976). Por que a guerra?. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 22. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)* (J. Salomão, Trad.; pp. 237-259). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites* (H. Bresseman, Trad.). Imago.
- Grotstein, J. S. (2010). *Um fecho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise* (M. C. Monteiro, Trad.). Artmed.
- Klein, M. (2004). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *As obras completas de Melanie Klein: Vol. 3 Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (B. H. Mandelbaum, M. E. S. Brito, O. L. B. Salles, M. T. B. M. Godoy, V. S. S. Starzinsky e W. M. M. Dantas, Trads.; pp. 17-43). Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Matos, O. (1997). *Filosofia: a polifonia da razão*. Editora Scipione.
- Meltzer, D., & Willians, M. H. (1995). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (P. C. Sandler, Trad.). Imago.

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis

Endereço: Rua Professor Alonso Ferraz, 717, Alto da Boa Vista. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14025-530

Tel.: (16) 99725-0355

E-mail: berndete.amendola@gmail.com